

Efeitos do declínio da produção sobre a estrutura industrial

Gráfico 1 – Produção industrial – Brasil
Média móvel trimestral, dados dessazonalizados
2002 = 100



Fonte: IBGE

A produção industrial registrou retração acentuada de meados de 2013 até o início de 2016, quando passou a apresentar relativa estabilidade e, a partir do início de 2017, moderada recuperação, segundo a Pesquisa Industrial Mensal de Produção Física (PIM-PF)¹ do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (Gráfico 1). Esta evolução ocorreu de forma heterogênea, destacando-se os desempenhos negativos na categoria de bens de capital e, por atividade, na produção de veículos automotores, reboques e carrocerias.

Nesse contexto, o boxe avalia as mudanças observadas na estrutura industrial a partir de 2010, tanto em âmbito setorial quanto regional, movimento associado, em grande parte, ao processo de adequação da atividade industrial ao ciclo recessivo recente.

Tabela 1 – Composição do VTI – Brasil

Grandes categorias industriais

Discriminação	Peso (%)		Variação (em p.p.)
	2010	2017 ^{1/}	
Bens de capital	8,3	6,8	-1,6
Bens intermediários	59,7	60,8	1,1
Bens de consumo	30,6	31,0	0,4
Duráveis	7,3	6,1	-1,3
Semiduráveis	4,7	4,5	-0,1
Não duráveis	18,6	20,4	1,8

Fontes: IBGE e BCB

1/ Refere-se à média de doze meses até agosto.

A análise das grandes categorias industriais mostra que a participação da produção de bens de capital recuou 1,6 p.p. de 2010 a 2017², resultado de retrações em todos os segmentos da categoria. Em contrapartida, houve aumentos tanto na participação de bens intermediários (1,1 p.p.), destacando-se o crescimento da representatividade dos segmentos combustíveis e lubrificantes, e alimentos elaborados, e o recuo da relativa a peças e acessórios para bens de capital, em linha com a queda na produção desses itens; quanto na de bens de consumo (0,4 p.p.), evolução decorrente do impacto mais intenso do desempenho positivo da categoria de bens não duráveis, sobretudo alimentos, em relação ao efeito do recuo na participação de bens duráveis, especialmente de automóveis.

A evolução da representatividade das atividades industriais na composição do Valor da Transformação

1/ A PIM-PF estima a evolução mensal da produção industrial, tendo como base para a composição da amostra a Pesquisa Industrial Anual (PIA) de 2010. A estrutura de ponderação das atividades é feita pela composição do Valor de Transformação Industrial (VTI) dessa pesquisa, e o número-índice baseia-se em um índice de Laspeyres adaptado, de forma a considerar a relação entre o VTI do produto e o do total da indústria. Tanto a agregação dos produtos quanto das atividades considera a atualização de pesos, de forma que quando a variação de *quantum* for superior à média, cresce a importância no produto (ou atividade) na composição do índice agregado.

2/ Média de doze meses até agosto.

Industrial (VTI), no período analisado, encontra-se na Tabela 2. Houve redução de 2,0 p.p. na participação da indústria de transformação, reflexo de recuos em quinze das 25 atividades pesquisadas na PIM-PF, mais intenso no segmento veículos automotores, reboques e carrocerias (2,5 p.p.) e na indústria metalmeccânica, composta pelos segmentos metalurgia e produtos de metal, máquinas e equipamentos, e equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos. Em contrapartida, a representatividade da indústria de produtos alimentícios aumentou 2,0 p.p., no período, seguindo-se os acréscimos nas indústrias de celulose, papel e produtos de papel, e de coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis.

Tabela 2 – Composição do VTI por atividade – Brasil

Discriminação	Peso (%)		Variação (em p.p.)
	2010	2017 ^{1/}	
Indústria geral	100,0	100,0	
Indústrias extrativas	11,2	13,2	2,0
Indústrias de transformação	88,8	86,8	-2,0
Produtos alimentícios	13,9	16,0	2,0
Coque, de produtos derivados do petróleo e de biocombustíveis	10,3	10,8	0,5
Veículos automotores, reboques e carrocerias	10,1	7,6	-2,5
Outros produtos químicos	5,3	5,8	0,4
Metalurgia	5,4	5,1	-0,3
Máquinas e equipamentos	4,9	4,3	-0,6
Celulose, papel e produtos de papel	3,0	3,5	0,6
Bebidas	3,3	3,5	0,2
Produtos de borracha e de material plástico	3,5	3,4	-0,1
Produtos de minerais não-metálicos	3,6	3,3	-0,2
Produtos de metal, exceto máquinas e equipamentos	3,6	2,9	-0,7
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	2,6	2,3	-0,3
Produtos farmoquímicos e farmacêuticos	2,3	2,3	-0,1
Confecção de artigos do vestuário e acessórios	2,3	2,2	-0,1
Equip. de informática, produtos eletrônicos e ópticos	2,5	2,0	-0,5
Couros e fabr. de artefatos de couro, artigos para viagem e calçados	1,6	1,8	0,1
Sabões, detergentes, prod. de limpeza, cosméticos, prod. de perfumaria e de higiene pessoal	1,3	1,5	0,3
Produtos têxteis	1,6	1,5	-0,1
Manutenção, reparação e instal. de máquinas e equipamentos	1,3	1,4	0,1
Outros equipamentos de transporte, exceto veículos automotores	1,5	1,2	-0,4
Produtos de madeira	1,0	1,2	0,1
Produtos diversos	1,0	1,1	0,1
Móveis	1,3	1,1	-0,2
Impressão e reprodução de gravações	1,0	0,7	-0,3
Produtos do fumo	0,6	0,5	-0,1

Fonte: IBGE

1/ Refere-se à média de doze meses até agosto.

A participação das indústrias extrativas, concentradas no Norte e no Sudeste³, aumentou 2,0 p.p. no período.

3/ As duas regiões concentraram 89% do VTI do segmento em 2015, segundo a PIA do IBGE.

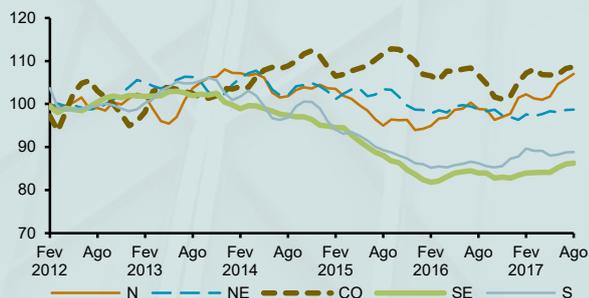
Tabela 3 – Participação da atividade no VTI da região – 2015

Atividades selecionadas

Discriminação	N	NE	CO	SE	S
Ampliaram participação no VTI					
Produtos alimentícios	12,0	18,1	50,3	15,5	23,0
Celulose, papel e prod. papel	0,7	6,4	1,5	3,7	4,6
Coque, derivados do petróleo e biocombustíveis	0,8	16,2	11,9	12,4	7,0
Reduziram participação no VTI					
Metalmeccânica	11,3	7,9	4,6	11,1	6,7
Equip.de informática, prod. eletrônicos e ópticos	17,4	0,6	0,1	2,2	1,2
Máquinas e equipamentos	1,8	0,6	1,7	5,6	7,0
Veículos automotores, reboques e carrocerias	0,5	2,6	2,0	8,3	8,2

Fonte: IBGE

Gráfico 2 – Produção industrial por região
Média móvel de 3 meses, dados dessazonalizados
2012 = 100



Fonte: IBGE

Os resultados da Tabela 2, juntamente com a estrutura da indústria de transformação em cada região – disponível para 2015 (dados da População em Idade Ativa – PIA do IBGE) –, ajudam a explicar as diferentes trajetórias das indústrias regionais no período examinado. Assim, conclui-se que a evolução da indústria de alimentos contribuiu para o fortalecimento da produção, sobretudo no Centro-Oeste e no Sul (Tabela 3). A indústria de celulose, papel e produtos de papel repercutiu de forma mais intensa no Nordeste e no Sul, enquanto a evolução da produção de coque, produtos derivados de petróleo e biocombustíveis impactou com maior intensidade as indústrias do Nordeste e do Sudeste.

Em sentido contrário, o forte recuo da indústria automotiva provocou os maiores impactos no Sudeste e no Sul, onde ela é mais representativa. Essas foram as regiões que mais repercutiram a queda na produção de máquinas e equipamentos, ao passo que a contração na fabricação de equipamentos de informática, produtos eletrônicos e ópticos produziu o maior efeito no Norte, onde responde por 17,4% do VTI.

A importância regional dos segmentos mencionados ajuda a compreender a evolução da produção industrial nas regiões do país no período recente (Gráfico 2). Assim, os recuos mais intensos registrados no Sudeste e Sul repercutem, em boa parte, o declínio da produção de veículos automotores, enquanto a moderação na retração da atividade no Centro-Oeste esteve condicionada, em especial, pelo predomínio da indústria de produtos alimentícios na composição do VTI da região.